

Política externa

• Amanhã, quinta-feira, o presidente Fernando Henrique inicia visita oficial de dois dias à Venezuela. Será recebido pelo presidente Hugo Chávez, que está em campanha eleitoral, de vez que, pela constituição que fez a sua maioria votar, terá de confirmar o seu mandato a 28 de maio. Seu principal adversário é Francisco Arias Cárdenas, ex-militar também.

Domingo, o presidente Chávez, no programa de rádio que mantém, denunciou uma conspiração de seu adversário com empresários para, caso eleito, privatizar a Pdevisa. A Pdevisa é a Petrobras de lá, e, como a brasileira, é um símbolo do desenvolvimento nacional. Arias Cárdenas foi governador do estado de Zulia, onde estão os campos petrolíferos do Lago de Maracaibo e onde o contato do governador com os interesses do petróleo é necessariamente estreito e constante.

Logo, Fernando Henrique vai entrar em terreno politicamente conflagrado. Conflagrado, mas não minado. As chances de Hugo Chávez perder para Arias são mínimas, apesar da campanha que os partidos tradicionais lhe movem, inclusive divulgando números falsos sobre a diminuição do PIB no último trimestre e atribuindo a Chávez a violência que campeia em Caracas.

O chanceler Luís Felipe Lampreia, numa longa entrevista que concedeu ao programa "Choquês de Opiniões", da CNN em espanhol, confessou que o Brasil tem um viés favorável a Chávez, pelas muitas demonstrações que tem dado do desejo de aproximar-se de nós, através de acordos de fornecimento de energia para Roraima e de joint-ventures entre a Pdevisa e a Petrobras. No programa da visita de Fernando Henrique está previsto o anúncio do interesse de construtoras brasileiras em construir uma ponte sobre o rio Orinoco. Este anúncio será usado na campanha eleitoral como contra-argumento às informações da oposição, de que ninguém mais quer investir na Venezuela em razão da desconfiança dos financistas internacionais em relação a Hugo Chávez.

Na verdade, as oposições a Chávez tentam introduzir na campanha o elemento externo. Chávez é malvisto pelos investidores porque, ao contrário do Governo Fernando Henrique, recusa-se a entrar no chamado "Jogo da Confiança", que consiste em fazer tudo que os bancos e corretoras de Wall Street exigem para ganhar sua confiança. Quem entra nesse jogo, que em inglês se chama de *confidence building*, tem de privatizar as estatais, aumentar os juros, provocar o desemprego, desmontar o sistema seguridade social de proteção aos trabalhadores, flexibilizar os direitos trabalhistas, reduzir as aposentadorias e pensões, conceder renúncias fiscais, aumentar as im-

portações eliminando os impostos aduaneiros — obedecer, enfim, ao manual de boas práticas do neoliberalismo. Este é um jogo que não tem fim, conforme os próprios entrevistados de Lampreia, os jornalistas Ana Julia Jatar e Jack Sweeney, demonstraram. As exigências não acabam nunca. Ao comentar as palavras do chanceler, disseram que o Brasil estava atrasado em relação à Argentina na implantação das reformas de sua economia, o que fazia do país um gigante de pés de barro.

Chávez adquiriu sua imensa popularidade fazendo o contrário de tudo isso. As elites venezuelanas ficaram, como de hábito, horrorizadas, e está havendo uma intensa migração de capitais rumo ao Norte. Os milionários venezuelanos engrossam as colônias de auto-exilados em Miami. Foram precedidos pelos beneficiários do sistema de corrupção dos governos da Ação Democrática, os adecos de Carlos Andrés Pérez, e dos democratas-cristãos de Rafael Caldera, partidos que durante décadas dominaram o país. A sorte de Chávez foi o aumento do preço internacional do petróleo, principal exportação da Venezuela.

Passando à Argentina, Lampreia rompeu sua desconversa diplomática para dizer o que realmente pensa. Notou que a Argentina tem déficits comerciais com todas as regiões do mundo, exceto o Brasil. Razão: muitos setores da sua indústria não são competitivos. E não o são por um motivo que não explicitou: a Argentina tem, por lei, um regime cambial insustentável, de paridade do peso com o dólar. Disse:

— O Mercosul, que multiplicou por cinco o comércio entre seus membros, é um ativo precioso demais para ser abandonado. As dificuldades se superam conversando e os dois governos têm demonstrado vontade de superar obstáculos. Ainda na semana passada conseguimos um acordo no regime automotor, com importantes concessões do Brasil. As futuras dificuldades serão superadas também.

Foi levantada também a questão da democracia na América do Sul. Lampreia comentou a ajuda que os parceiros deram ao Paraguai e ressaltou a importância da reunião de todos os presidentes em agosto, para discutir medidas para a consolidação do processo democrático no continente, iniciativa do Brasil.